

O EVANGELHO DE MARCOS: Teologia para a atualidade

ST. MARK'S GOSPEL: *Theology for today*

Junior Vasconcelos do Amaral^(*)

RESUMO

O Evangelho de Marcos, o *proto-anúncio* da comunidade dos discípulos de Jesus, é uma boa notícia para todo tempo e história. Trata-se de um importante *querigma* do cristianismo inicial que perpassou pela história, sendo visitado e lido. Este artigo tem como intuito apresentar a boa notícia marcana em sua estrutura e sentido teológico. Para isso faz-se mister averiguar a redação, a linguagem, o esquema literário para a deprecensão da teologia da obra de Marcos, *grosso modo*, sua compreensão daquele que narrou a si mesmo: Jesus de Nazaré.

PALAVRAS-CHAVE: Evangelho de Marcos. *Querigma*. Jesus de Nazaré. Teologia marcana.

ABSTRACT

St. Mark's Gospel, the proto announcement of the community of the disciples of Jesus, is good news for all time and for all history. This article aims to present Mark's good news in its theological structure and meaning. For this purpose, it is necessary to verify the script, the language and the literary model in order to understand the theology of Mark's writing and, in a general way, to ascertain Mark's understanding of the one who lived out his own story, Jesus of Nazareth.

KEYWORDS: *St. Mark's Gospel. Kerygma. Jesus of Nazareth. Marcan theology.*

1 STATUS QUAESTIONIS

Durante muito tempo, Marcos foi considerado um evangelho inacabado, diferentemente de Mateus, Lucas e João. Por não incluir a narrativa da infância de Jesus, nem o testemunho das aparições do Ressuscitado, Marcos sofreu o preconceito literário e foi considerado uma obra fraca. Também por não incluir os discursos de Jesus (em particular a narrativa do “Sermão da

(*) Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE. Professor de Teologia da Faculdade Católica de Uberlândia. E-mail: jvsamaral@yahoo.com.br

Montanha”, assim como muitas parábolas), esse evangelho foi menos estudado e menos citado pela Tradição Patrística e nos escritos teológicos da Escolástica. O Segundo Evangelho foi visto muitas vezes como um simples resumo dos outros evangelhos. Uma só exceção a esse desinteresse, mas de maneira prudente, é o testemunho atribuído a Clemente de Alexandria, relativo à existência de uma versão “secreta” do Evangelho de Marcos (TAYLOR, 1979, p. 31).

De acordo com Tuya, no século XIX, a adesão de muitos exegetas à teoria das duas fontes (a pregação de Pedro e o *protomarcos*) conduz ao interesse de estudar o Evangelho de Marcos não somente como obra literária, mas como documento, no qual se verificam camadas das tradições supostamente “autênticas”, que podem servir de reconstrução da personagem histórica de Jesus (1963, p. 617).

No início do século XX, em 1901, com a obra *Das Messiasgeheimnis in den Evangelien, zugleich ein Beitrag zum Verständnis des Markusevangeliums*, de William Wrede, dá-se início à pesquisa sobre o Segundo Evangelho. Para Wrede, Marcos não significava um ingênuo compilador de tradições históricas, ele era, antes, aquele que conseguiu desenvolver uma tese precisa proveniente da redação: o *segredo messiânico*, segundo o qual a messianidade de Jesus não deve se tornar pública antes da ressurreição. O segredo messiânico seria um produto do cristianismo primitivo. Wrede toma como ponto de partida a ausência da reivindicação messiânica do Jesus histórico e permite reconciliar as duas cristologias em conflito no cristianismo primitivo: uma cristologia “baixa”, segundo a qual Jesus se tornaria Messias a partir da ressurreição, e uma cristologia “alta”, que interpretava a existência de Jesus terrestre em termos messiânicos. Não se faz necessário dizer que esta hipótese foi largamente discutida e que, hoje como ontem, está muito distante de um consenso. A leitura dos escritos de Wrede sobre o Segundo Evangelho é fundamental para a compreensão da teologia do autor do Evangelho de Marcos e sua intenção literário-narrativa, afirma Cuvillier (2002, p. 17).

Em 1943, com a promulgação da *Divino Afflante Spiritu*¹, o Evangelho de Marcos adquiriu uma real importância na Igreja Católica e, como os outros Evangelhos, deveria ser anunciado e estudado. Os estudiosos da Bíblia, preocupados com a interpretação de Marcos e seu ensino nas faculdades de

¹ No dia 30 de setembro de 1943, por ocasião da memória de São Jerônimo e do cinquentenário da encíclica *Providentissimus Deus*; Pio XII publicou uma encíclica sobre os estudos bíblicos, a *Divino Afflante Spiritu*. Tal encíclica é de suma importância para os estudos exegéticos. (Ver DH 3825).

teologia, formularam a seguinte pergunta: quais as razões para o aparente “esquecimento” do Segundo Evangelho?

As razões estavam claramente calcadas em afirmativas razoáveis derivadas de estudos precedentes do Segundo Evangelho: a) Pensava-se que a obra de Marcos constituía uma síntese das atividades do apóstolo Pedro, cuja figura estava consideravelmente destacada na narrativa do Evangelho²; b) Afirmava-se, também, que o Evangelho de Marcos constituía uma síntese do Evangelho de Mateus³; pois, visivelmente Mt narra algumas coisas que Mc não leva em consideração.

Na linha da crítica moderna, surgida nas primeiras décadas do séc. XIX⁴, desenvolve-se no século XX a “crítica redacional”. Em 1956 tem origem a tese marcante e consagrada de Willi Marxsen sobre o Segundo Evangelho: *Der Evangelist Markus, Studien zur Redaktionsgeschichte des Evangeliums*. Marxsen afirma que o Evangelho de Marcos pode ser visto como uma obra teológica construída a partir do uso de fontes reinterpretadas na “textura” redacional.

A partir dos anos 1980, a nova crítica literária (particularmente a narrativa) privilegia a leitura e análise sincrônica dos Evangelhos. Citamos, neste sentido, a obra de David Rhoads e Donald Michie, *Mark as Story: an introduction to the narrative of a Gospel* (1982). Por esta época aparecem também várias formas de leitura do Evangelho, como sejam as materialistas (em meados da década de 1970), retóricas (no fim dos anos de 1970), feministas⁵ (sobretudo nos EUA) e, recentemente, as leituras psicológicas (CUVILLIER, 2002, p. 18) e

² Desde o princípio do século II o testemunho externo atribui unanimemente a paternidade do Segundo Evangelho a Marcos, “o intérprete de Pedro”, fixando o lugar de composição em Roma, apesar de que as opiniões posteriores o situam em Alexandria. Sobre a data de composição surgiram variadas tradições, porém o conjunto dos dados inclina a situá-lo em uma data posterior ao martírio de Pedro, não durante sua vida. Ver TAYLOR, p. 34. Segundo Pesch, “o anonimato da obra indica a autoridade da Palavra, que sustenta a pregação da Igreja”. Ver PESCH, *Il vangelo di Marco*. vol I. Brescia: Paideia, 1980. p. 80.

³ O Evangelho favorito da Igreja primitiva foi o de Mateus. Desde Agostinho, seguiu-se a opinião que a única coisa que fez Marcos, foi seguir e abreviar Mateus. Durante a Idade Média e depois da Reforma, se escreveram alguns comentários, mas não se percebeu a prioridade de Marcos. Também passou muito tempo para se reconhecer o valor da crítica histórica sobre o estudo do Evangelho de Marcos.

⁴ Vale lembrar que muitos foram os que nesta época dedicaram seus estudos ao Evangelho de Marcos.

⁵ Embora estudando o discipulado de iguais no Evangelho de Mateus, Fiorenza faz alusão ao Evangelho de Marcos. (Ver FIORENZA, E. S. *Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995).

espiritualizantes⁶. O Segundo Evangelho foi comentado e estudado por diversas perspectivas: histórico-crítica, narrativa⁷, semiológico-estrutural⁸, sociológica⁹, psicanalítica, etc¹⁰.

Assim o interesse por Marcos se expandiu, sendo considerado o Evangelho da moda. O reaparecimento de Marcos se deu em todos os lugares: teatros, literatura, liturgia e, especialmente, na exegese de todo signo, podendo-se afirmar que em nenhum outro tempo escreveu-se tanto sobre o Segundo Evangelho como nos últimos duzentos anos. Claramente, este interesse pela obra marcana reside na importância da narrativa da comunidade e do hagiógrafo, que buscaram relatar, teologicamente, os acontecimentos que circundaram a pessoa de Jesus e todo seu movimento (HERRERO, 1995, p. 126). Marcos aparentemente não poupou esforços para retratar Jesus como pregador do Reino de Deus e o envolvimento dos discípulos no anúncio do mestre, bem como as consequências do seguimento por ele proposto.

2 MARCOS: UM EVANGELHO

A pesquisa sobre o Segundo Evangelho conduz a uma afirmativa importante para o estudo neotestamentário: a criação de um novo gênero literário (FOCANT, 2004, p. 29). Segundo Bultmann (1973, p. 452), trata-se de

⁶ Uma leitura espiritual do Evangelho de Marcos é encontrada na obra recente de A. Grun (Ver GRUN, A. *Jesus caminho para liberdade: o Evangelho de Marcos*. São Paulo: Loyola, 2006). Podemos encontrar também uma leitura orante de Marcos, baseada na *lectio divina* (ver FAUSTI, S. *Ricorda e racconta il vangelo: la catechesi narrativa di Marco*. Milano: Ancora, 1998).

⁷ O método de análise narrativa (da obra marcana) pode ser evidenciado no trabalho de C. Focant (ver FOCANT, C. *Evangelie selon Marc*. Paris: Cerf, 2004).

⁸ A leitura estrutural pode ser observada na obra de O. Genest (ver GENEST, O. *Le Christ de la passion: perspective structurale: analyse de Marc 14,53 - 15,47, des paralleles bibliques et extra-bibliques*. Montreal: Bellarmin, 1978). Lembramos também o estudo linguístico-semântico elaborado por Nolli (ver NOLLI, G. *Evangelo secondo Marco*. Roma: Agenzia libro cattolico, 1978).

⁹ A forma de leitura sociológico-libertadora pode ser observada na obra de C. Gallardo (ver GALLARDO, C. B. *Jesus homem em conflito: o relato de Marcos na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1997).

¹⁰ Ver HERRERO, F. P. *Evangelio según san Marcos*. In: GUIRRARO OPORTO, S.; SALVADOR GARCIA, M (Eds). *Comentário al Nuevo Testamento*. 2. ed. Madrid/Atenas, Madrid/PPC, Salamanca/Sígueme, Navarra/Verbo Divino, 1995. p. 125. (La casa de la Biblia). BABUT, J-M. *Actualité de Marc*. Paris: Cerf, 2002. Também encontramos algumas leituras latino-americanas sobre o Evangelho de Marcos: ARENS, E.; ASCENSIO, L. A.; DIAZ MATEOS, M. *El que quiera venir conmigo: discípulos según los evangelios*. Lima: CEP, 2007. ALDANA, H. O. M. *O discípulo no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2005. MAZZAROLO, I. *Evangelho de Marcos: estar ou não com Jesus*. São Paulo: Mazzarolo, 2004.

“uma criação cristã original inteiramente a serviço da fé e do culto cristão”. O autor, Marcos, partindo da tradição cristã ou proto-eclesial de Jesus, dá início ao gênero literário denominado “Evangelho”. Para Conzelmann (1972, p. 185), Marcos representa uma etapa intermediária entre a tradição oral e Lucas ou Mateus. O autor de Marcos resume a tradição de Jesus a partir de suas comunidades, entendendo “evangelho” no sentido de um livro e de um gênero literário¹¹.

Carlos Palácio (1979, p. 46) afirma que os evangelhos surgem para firmar concretamente a figura de Jesus. “Narrar o querigma do crucificado e ressuscitado no quadro da ‘história’ de Jesus é explicitar o querigma cristológico de maneira realmente significativa”. Portanto, o Evangelho de Marcos oferece uma figura concreta para a fé cristã: Jesus, o Messias.

Segundo Sobrino:

Jesus não fez de si mesmo o centro de sua pregação e missão. Jesus se sabia, vivia e trabalhava a partir de algo e para algo distinto de si mesmo. [...] A vida de Jesus foi uma vida des-centrada e centrada em torno de algo distinto de si mesmo. [...] Isso que é central na vida de Jesus aparece nos evangelhos expresso com dois termos: ‘reino de Deus’ e ‘Pai’¹².

Desta forma, faz-se possível compreender os eixos teológicos existentes no Evangelho de Marcos: por um lado, os interesses missionário e querigmático, ou melhor, da missão e do anúncio; por outro, o intuito de revelar Jesus e o Reinado do Pai, inaugurado por Jesus (Mc 1,14). O anúncio do Reino por Jesus e o anúncio de Jesus crucificado-ressuscitado estão teologicamente relacionados e não se compreende um sem o outro (PESCH, 1980, p. 34).

A narrativa marcana se apresenta, portanto, como a narração de uma “boa notícia” (1,1) concernente a Jesus de Nazaré, um homem condenado ao suplício da crucificação por Pôncio Pilatos, procurador da Judéia nos anos 30. Através da práxis e das palavras de Jesus, Marcos reconhece a manifestação do “Cristo”, o Messias enviado de Deus, prometido pelos profetas nas Escrituras.

Com exceção de Mc 1,1 e 1,14, Marcos põe sempre a expressão *euan-gelion* na boca de Jesus. De acordo com Schillebeeckx (1981, p. 99), “na visão de Marcos, o evangelho é a boa nova de Jesus Cristo, quer dizer, a boa notícia que Jesus trouxe da parte de Deus”. Ocorre também em Marcos a expressão

¹¹ Ver PESCH, p. 33.

¹² SOBRINO, J. *Jesus, o libertador*. A história de Jesus de Nazaré. São Paulo: Vozes, 1994. p. 124.

keryssein to euangelion (1,14 e 14,9), traduzida “anunciar o Evangelho”. Esta expressão sintetiza a missão eclesial: proclamar a Boa-Nova de Jesus.

Os que anunciam a “Boa-Nova” de Jesus têm diante de si a pergunta cruciante: “Quem sou eu para vós?” (Mc 8,29). A resposta de Marcos, sua cristologia ou “teologia narrativa” e não “teologia sistemática”, nos conduz progressivamente ao clímax narrativo do Evangelho, à cruz, lugar onde o Messias Crucificado é proclamado Filho de Deus (15,39).

“Com o Evangelho de Marcos, inicia-se algo novo”, afirma Gnllka (1998, p. 162). A novidade reside na composição que visa ao não esquecimento de alguém e de algo: Jesus e o Reino. Narrar um feito e um fato significa não deixá-los cair no esquecimento histórico. Marcos instaura um processo memorativo idôneo, a fim de impedir que o Jesus histórico, seu anúncio e seus feitos fossem esquecidos. Marcos, portanto, criou com sua obra algo realmente novo¹³.

3 MARCOS: NOVA LITERATURA

A obra marcana pode ser compreendida a partir dos movimentos missionário e catequético da proto-Igreja, que têm consciência da “tradição de Jesus”, da herança deixada pelo Mestre e Senhor. Antes mesmo de Marcos escrever seu livro, possivelmente, já havia outras tradições a respeito de Jesus, além de relatos soltos e isolados (*logia*). Marcos, originalmente, agrupa estes variados relatos formando uma “história de Jesus”; na realidade, o relato de sua pregação pública. Não se trata de uma biografia, no sentido da historiografia moderna, mas de um relato continuado e coerente sobre a atividade de Jesus, com fins teológicos. Há, portanto, no coração da narrativa de Marcos, uma lógica catequética que faz a história e a vida de Jesus terem sentidos em Deus e no Reinado de Deus no mundo. Jesus anuncia o Reino, transformando as realidades humanas por meio da epifania de Deus.

Marcos recolhe em seu tesouro tradições preciosas sobre Jesus que circulavam na boca e na memória das pessoas das primeiras comunidades. À estrutura narrativa – um relato de viagem durante um ano – subjaz um critério teológico, que supõe a íntima relação entre Jesus e o Pai¹⁴. Na vida do crucificado, há a epifania do Messias, o Filho-Servo de Deus, o Filho do Homem.

¹³ Esta afirmação pode ser encontrada na obra de Frankemölle, na obra *Evangelium*. O autor fala de um aspecto básico intra-cristão, que foi o que possibilitou pela primeira vez o gênero literário evangélico (ver GNILKA, Teologia, p. 164).

¹⁴ As relações do filho Jesus com o Pai e do Pai com o filho Jesus podem ser verificadas em Mc 1,11; 9,7; 14,36; 15,33. Evidentemente que esta não é uma preocupação marcana, mas é possível identificar a relação de Jesus e Deus na narrativa marcana.

Pesch (1980, p. 54) afirma que o material do Evangelho de Marcos, distintamente de Lucas, não apresenta um “método de apresentação histórica de seu tempo”, mas uma história passada “em forma teologicamente meditada e pura, ao mesmo tempo popular e narrativa”.

Segundo Harrington (1997, p. 777), o Evangelho de Marcos apresenta uma estrutura geográfico-teológica: da *Galiléia para Jerusalém* e de *Jerusalém para a Galiléia*. A primeira estrutura, a geográfica, é encontrada em Mc 1,16–8,21. A segunda, a teológica, se dá com o fato de Jesus ir de Jerusalém à Galiléia (Mc 16,8). Para Marcos, as regiões Galiléia e Judéia não indicam apenas zonas geográficas, mas exprimem um valor teológico. A Galiléia desprezada e pagã é o lugar onde se manifesta a salvação que vem de Deus. Em contrapartida, Jerusalém, epicentro da religião judaica, se revela inóspita para Deus e seu ungido, torna-se lugar da extrema hostilidade que gera a morte. A salvação, a partir da ressurreição do Messias, se manifesta na “Galiléia dos gentios”, e não mais no centro cúltico de Jerusalém¹⁵. É na Galiléia que os discípulos são chamados a seguir o Messias Ressuscitado (16,7).

3.1 REDAÇÃO

O livro de Marcos apresenta uma redação de conjunto, reunindo a atividade de Jesus, desde o batismo por João até a morte, juntamente com a narrativa do sepulcro vazio¹⁶. Marcos contava com materiais muitas vezes fragmentados, que não forneciam tanta objetividade. O material da tradição de Jesus havia passado do âmbito semítico para o grego, sendo, em parte, configurado ao modo de articulação da língua grega. Isso não significa que o Evangelho tenha sido redigido em hebraico e depois traduzido para o grego. O autor escreveu em grego, idioma em que deve ter encontrado boa parte de seu material tradicional, mas ele ainda pensava com o um semita.

Poder-se-ia ainda perguntar se o material utilizado pelo autor para a redação do Evangelho seria exclusivamente oral ou também escrito. Segundo

¹⁵ Para Conzelmann, seguindo as considerações de Lohmeyer, Lightfoot e Marxsen, aquelas cidades têm valor teológico. Tais realidades ambivalentes servem para retratar a acolhida e o desprezo para com Deus e sua Palavra encarnada. Jesus, a Salvação de Deus, retornando para a Galiléia dos gentios convida os discípulos para o seguirem lá, onde os seres humanos desejam conhecer a Deus. Hoje também, há muitos lugares desprezados pelo mundo capitalista que acolhem com fé a Palavra e o próprio Deus (ver CONZELMANN, 1972. p. 186).

¹⁶ Ver VIELHAUER, P. *Historia de la literatura cristã primitiva*: introducción al Nuevo Testamento, los apócrifos y los padres apostólicos. Salamanca: Sígueme, 1991. p. 350.

Vielhauer (1991, p.354), parece provável que o relato pré-marcano da paixão estivesse já fixado por escrito. Tradicionalmente, aceitou-se a origem fundamental de Marcos na pregação de Pedro. Mas com o tempo se desenvolveram novas hipóteses. A fundamental foi a de que um texto ou fonte, *Ur-markus*, “um Mc anterior ao evangelho de Marcos”, havia sido utilizado pelo autor para a redação de seu evangelho (TUYA, 1963, p. 617). Porém, esta afirmativa encontrou muitas críticas¹⁷.

Também seria pouco provável que Marcos tivesse conhecido e mencionado a Q (SCHWEIZER, 1971, p.12). Muito embora existam pontos de convergência entre o material de Marcos e a Q, não parece que haja direta relação entre ambas as fontes.

Quanto ao estilo, há que se concordar mais com a posição que afirma que a composição redacional de Marcos se assemelha com um “escrito não literário”, bastante acessível e singular, diferente de um “escrito literário”, que geralmente é denso e difícil de ser lido e interpretado. De acordo com esta concepção, o Evangelho de Marcos provavelmente não se caracteriza como uma obra preponderantemente literária, pois seu traço estilístico indica um autor literariamente inexperiente, porém um narrador popular exímio.

Assim, o Evangelho de Marcos não se identifica com um material prontamente escrito e condensado de forma literária. Ele está muito mais próximo da tradição antiga, baseada na oralidade, que na matéria escrita. Marcos transmite a tradição de Jesus narrando-a como uma história, de forma oral e sintética, em função da re-narração criativa. Isso não significa que ele não dominasse o material coletado. Segundo Pesch (1980, p. 55), a intervenção ao mesmo tempo literária e teológica do autor mostra-se, sobretudo, na disposição do material em forma de representação histórica, determinada na tradição de Jesus, em particular na história pré-marcana da paixão.

Na narrativa de Marcos, é possível perceber sequências ou versículos que servem de transição ou ligação entre dois blocos temáticos. Essas sequências sintetizam o tema da unidade anterior e antecipam o tema da unidade seguinte, proporcionando, dessa maneira, uma chave conclusiva do tema tratado

¹⁷ Para Taylor, é preferível rechaçar esta hipótese. Segundo seu parecer, a maioria dos exegetas admite que o evangelista utilizou uma só fonte: a coleção de sentenças de Marcos, contudo, neste ponto, as opiniões se diferem quando se trata de determinar a natureza, identidade e unidade da tal fonte. A importância das hipóteses levantadas consiste em que todas elas supõem que o evangelista utilizou várias fontes. Para um maior esclarecimento sobre este assunto e suas hipóteses (ver TAYLOR, 1979, p. 89-98), ver também LAGRANGE, M-J, 1947, p. 33.

anteriormente e indicativa do assunto a seguir (ver STANDAERT, 1983, p. 48). Tal recurso é chamado de “sumário”. Os sumários elaborados pelo autor do Evangelho ajudam a determinar os momentos importantes de mudança, ocorridos na narração da prática de Jesus, além de favorecer a compreensão das mudanças de sentido. Nesses momentos, é possível encontrar uma chave para perscrutar a intenção redacional do autor. Os sumários reestruturam o texto, produzindo também mudanças de sentido (Mc 6,30-34), segundo Gnillka, (1986, p. 99-102). Radermakers (1974, p. 41), por sua vez, afirma que as funções dos sumários são: a) “resumir uma situação”: concentrando a atenção sobre a pessoa de Jesus; b) “esboçar uma nova orientação”: Jesus propõe uma novidade aos discípulos.

Assim, os sumários parecem apresentar um caráter redacional, propriamente marciano. Podem ser encontrados no curso do Evangelho seis sumários, como esboço sobre a vida e obra de Jesus¹⁸, seus destinos, e um breve relato que insere os discípulos em estreita relação com o Mestre (ROBERT; FEUILLET, 1959, p. 210-211). Vale, no entanto, sublinhar que a discussão sobre estes sumários é grande, pois são heterogêneos.

Marcos configura a imagem de conjunto da atividade de Jesus essencialmente por meio da narração das obras messiânicas, em especial histórias de milagres e apoteogmas e, de um modo seletivo e paradigmático, com passagens da doutrina de Jesus. Tal seleção literária constitui já um ato teológico, que tem como objetivos literário e teológico não separar da tradição (transmissão) os materiais recebidos, apresentando-os de maneira conjuntamente harmoniosa. A missão do evangelista consiste na conexão das tradições “isoladas”, visando a formar um todo, tal como uma colcha de retalhos. O que o autor conecta e o modo como o faz já possibilita observar a orientação teológico-redacional que segue.

3.2 LINGUAGEM

Para o evangelista Marcos, a conexão de cada uma das passagens e materiais, ou mesmo tradições, ocorre frequentemente pela simples adição de *kai*, (e), *kai. cuvqu,ç* (e, em seguida: 41 vezes) ou *palin* (de novo). As conexões mais estreitas se estabelecem mediante relações locais ou temporais: Jesus vem “dali”, do cenário que se acaba de mencionar, até o lugar da próxima história,

¹⁸ Apresentamos aqui os seis grupos de sumários: 1,14-15; 3,7-12; 6,6b-7; 8,31-33; 10,32-34 e 14,1-11. Ver RADERMAKERS, 1974, p. 41.

produzindo assim a impressão de relação e movimento (VIELHAUER, 1991, p. 357). A mesma coisa acontece com as expressões comuns “naqueles dias” e “naquele dia”, que aparentam acentuar a sequência e realidade temporal, mas estão inseridas no texto e se mostram mais preocupadas com o sentido teológico.

Lembrando que Mc foi escrito em grego, não podemos negar que o autor pensa como um judeu familiarizado com uma catequese em aramaico. Ele conhece perfeitamente os costumes judaizantes (7,3-5; 14,12; 15,42), conserva os vocábulos aramaicos, sobretudo os utilizados por Jesus em momentos mais solenes: *talitha kum* (5,41), *epheta* (7,34), *abba* (14,36; 3,17; 15,34). A base semitizante pode ser reconhecida com frequência especialmente nas palavras de Jesus, afirma F. Manns (1998, p. 125). A isso se une um estilo inculto, rudimentar e popular. Marcos também utiliza frases semitizantes: *anastas apelthen* (7,24), *anastas erchetai* (10,1) além de expressões típicas do ambiente semítico original, como, por exemplo: *corban* (7,11), *Bartimeu* ou filho de Timeu (10,46), *abba* (14,36) e *Eloi, Eloi, lama sabactani* (15,34) (ROBERTSON, 1998, p. 260).

Na obra de Marcos, encontram-se também expressões latinas. Os latinismos poderiam evidenciar e corroborar a hipótese de que Marcos tenha escrito sua obra em Roma, destinando-a aos cristãos daquela região, embora se deva levar em consideração que se trata de termos veiculados em todo o Império Romano. Pode-se encontrar um número expressivo de palavras latinas, tais como: *centurio* (15,39), *cuadrante* (12,2), *quadrans* (12,42), *flagellare* (15,15), *speculator* (6,27), *census* (12,14), *sextarius* (7,4), *praetorium* (15,15) e *legio* (5,9).

A pesquisa sobre a obra marcana revelou também certo “paulinismo”¹⁹ na narrativa do Evangelho. Alguns termos próprios de Paulo, presentes na narrativa marcana, como *pneuma*, *sarx* e *sozein*, são utilizados por este autor de uma maneira muito própria. Pode-se afirmar que estes termos se encontram em consonância com a teologia paulina, mas não se deve dizer que suas origens remetem exclusivamente a Paulo. Com seu novo gênero literário, Marcos pretendeu apenas apresentar a economia salvífica, o mistério da vida, paixão,

¹⁹ Observa Konings, em artigo a ser publicado, que Karl-Ludwig Schmidt, citando Wendling, observou que Mc 1,1 tem colorido paulino, e o atribui ao redator do evangelho (*Der Rahmen der Geschichte Jesu*. Berlin 1919. Repr. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1969, p. 18 e nota 10). De acordo com Gonzáles, Marcos não conheceu a teologia paulina, pois em seu evangelho não se averigua indícios da pré-existência do Filho. Portanto, esta discussão poderia permanecer suspensa, mas é possível imaginar uma possível intermitência entre estas tradições, que conviviam contemporaneamente (ver GONZÁLES, 1992. p. 214).

morte e ressurreição de Jesus²⁰, o querigma propriamente dito, que não é exclusividade paulina, mas produto da tradição cristã, de um modo geral. É possível, pois, imaginar uma “semelhança” nas teologias paulina e marcana, não descartando inteiramente a hipótese das intermitências entre elas. Num exemplo concreto, a palavra *eireneuete* (paz) só está presente no Novo Testamento em Mc 9,50 e em Rm 12,18; 2 Cor 13,11; ITs 5,13.

Numa análise mais profunda do Evangelho de Marcos é possível perceber três características próprias: 1) Pobreza de vocabulário: No texto marcano, a união de frases se faz pelo conectivo *kai* (e) e um advérbio *palin* (“outra vez” ou “de novo”). São simples elementos literários sem valor cronológico. De maneira insistente, Marcos utiliza alguns verbos repetitivamente como: “fazer”, “ter”, “poder” e “querer”. 2) Esquematismos: Marcos narra histórias mais ou menos “arquitetadas” num esquema. Ele tem um estilo próprio de narrar. Com a utilização de esquematismos, pode-se averiguar uma unidade no pensamento do autor desse Evangelho. A narrativa é composta de “cenas muito vivas, arrojadas no modo de um pensamento muito simples, incapaz de variar seus procedimentos” (LAGRANGE, 1947, p. 78). Tal esquematismo pode ser observado na comparação dos relatos da tempestade acalmada (4,39-41) e de um exorcismo (1,25-27). 3) Estruturas estereotipadas: A *História das Formas* descobriu que o autor do Segundo Evangelho teria em mente uma estrutura delineada, um pensamento esquemático.

Por fim, outras características redacionais poderiam ser acenadas na linguagem do autor do Segundo Evangelho: os sumários, as fórmulas decorrentes, os agrupamentos de relatos ou parábolas formam um esquema constante, juntamente com os paralelismos que relatam as situações e os “sanduíches” literários²¹, que incluem entre dois relatos ou partes de relato um outro relato, que é essencial e decisivo (Mc 5,21-43).

²⁰ Tuyá diz que “a doutrina da justificação pela fé, tão típica do querigma de Paulo, não se encontra exposta com a mesma clareza em Marcos”. Esta afirmação pode ser considerada irrelevante, pois, Marcos não estava preocupado com a justificação pela fé, uma temática tipicamente paulina. Contudo, podemos dizer que o querigma marcano é bastante claro: Jesus morreu e ressuscitou e seu seguimento é fundamental para a salvação (ver TUYA, 1963, p. 620).

²¹ Este recurso literário também pode ser notado na narrativa das visitas dos parentes [a casa] de Jesus, na qual Marcos intercala o confronto de Jesus com os escribas em que estes o acusam de estar possesso por um demônio e de curar os enfermos pela força de Beelzebul (3,20-35). Jesus afirma o que é central na narrativa: “Se Satanás se levanta contra si mesmo, e for dividido, não pode subsistir; antes tem fim” (3,26). Em outras palavras poderia se dizer: Se uma família está dividida contra si mesma não pode subsistir. Dois níveis podem ser percebidos nesta perícope; de um lado a própria família de Jesus, de outro a família-comunidade, que corre o risco de se dividir, por deixar-se levar pelo poder demoníaco. (ver GRUN, A. *Jesus caminho para liberdade: O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Loyola, 2006).

4. MARCOS: UMA CRISTOLOGIA

Marcos, ao compor sua obra narrativa a respeito de Jesus, instaurou um processo idôneo e inédito na intenção de impedir que Jesus histórico ficasse esquecido. A novidade da narrativa marcana consiste na forma e no modo da exposição da Boa Notícia (GNILKA, 1998, p. 162). Quanto ao conteúdo, sabe-se que este procede, em sua maior parte, da ampla tradição sobre Jesus de Nazaré.

No centro da intenção marcana está o problema teológico: evitar o esquecimento de Jesus, o Filho de Deus. O interesse histórico é consequência. Porém o que importa mesmo é a mensagem central: “Quem é Jesus?” O Messias do segredo, o sofredor ou o Ressuscitado?

Considerando o procedimento literário de Marcos, afirma Pesch (1980, p. 101) “não é aconselhável esperar uma teologia unitária no Evangelho”. Marcos não pretendeu elaborar uma teologia sistematicamente acabada. Mas, constituiu teologias abertas, que possibilitam responder à pergunta que não se cala: “Quem é Jesus?” É pertinente a dúvida relacionada à afirmação de que haja no Evangelho de Marcos um sentido unitário. Pois, em Marcos, é possível encontrar teologias entrecruzadas percebidas a partir da leitura da *redação final*. A novidade teológica do evangelista se instala, essencialmente, no fato de ele fornecer à sua obra uma estrutura narrativa, que leva em consideração o legado da tradição e a narrativa pré-marcana da Paixão, constituindo uma teologia sobre a vida de Jesus.

Paulo, diferentemente de Marcos, elaborou com seus escritos uma cristologia em torno dos títulos cristológicos: *Kyrios*, Filho de Deus, Cristo, Primogênito da Criação, Crucificado, Ressuscitado, Mediador. Marcos, por sua vez, não fala de Jesus por meio de confissões, hinos ou títulos, apenas, mas a partir da narração sobre o anúncio e a práxis de Jesus²².

Em matizes gerais, uma estrutura teológica do Segundo Evangelho poderia ser traçada a partir da dinâmica narrativa apresentada pelo autor. Primei-

²² Em um mundo em que a história é a dos vencedores, Marcos escreve um relato de reverso da história, sobre esse judeu vencido, dirigido a uma comunidade de perseguidos não judeus, provavelmente romanos, a quem propõe como norma de vida esse judeu. Trata-se de um relato inconcluso, de uma prática truncada violentamente que não dá resposta imediata à pergunta óbvia sobre o que aconteceu com Jesus. É possível perceber que esta posição assumida por Gallardo parece divergir não apenas da teoria sobre a teologia unitária de Marcos, bem como daquela sustentada em nosso trabalho, o qual afirma que as teologias desenvolvidas pelo autor de Marcos visam a responder, de forma narrativa, à pergunta “Quem é Jesus?” (ver GALLARDO, 1997, p. 21).

ramente, Jesus é recebido favoravelmente pelas multidões; depois, seu messianismo humilde e espiritual decepçiona a expectativa do povo e o entusiasmo se arrefece; então Jesus se afasta da Galileia para se dedicar à formação do pequeno grupo dos discípulos fiéis, cuja adesão incondicional ele obtém no momento da confissão de Pedro em Cesárea de Filipe. Esse momento decisivo determina e orienta as coordenadas do ministério de Jesus, que se consumará drasticamente em Jerusalém. A oposição cada vez maior o conduz ao drama da paixão que é, finalmente, coroado pela resposta vitoriosa de Deus na ressurreição de Jesus. A resposta sobre a identidade de Jesus está claramente presente no seguimento, no discipulado inaugurado por Jesus. Ele chama ao seguimento e instrui como mestre aqueles que o seguem.

Marcos consegue, portanto, atingir sua finalidade ao escrever o Evangelho: resumir a tradição de Jesus para a primeira geração cristã. Ao unir a práxis missionária de Jesus à catequese (*didaskalia*) do mestre, Marcos traça o itinerário teológico do Evangelho: uma cristologia narrativa. Esta cristologia consiste em apresentar a tradição sobre a autoridade de Jesus de Nazaré (*exousia*), a pregação do Reinado de Deus, o querigma da salvação, o sofrimento na cruz, a morte expiatória e a Ressurreição, como a ação de Deus na vida de Jesus. Trata-se de três tradições conservadas sobre o Messias: o Filho do Homem, o Servo Sofredor e o Filho de Deus (PESCH, 1980, p. 111).

Com isso, é possível perceber na obra de Marcos três eixos em confluência. O primeiro trata da *Vida de Jesus*. O segundo equivale ao eixo *missionário*. O terceiro eixo refere-se à *progressiva revelação celeste da dignidade de Jesus*. Estes eixos podem ser denominados teológicos²³. Tais forças tensoras no Evangelho fazem parte, claramente, da “arte de tecer a intriga”, como considera Paul Ricoeur (2006, p. 208). Marcos utiliza estes eixos como estratégias literárias, buscando narrar de forma inteligível os acontecimentos com Jesus de Nazaré. Estes eixos, heterogêneos em um primeiro olhar, se implicam mutuamente, constituindo a rede de relações, configurada em um tecido narrativo. O autor do Evangelho, em sua prudência narrativa, busca conservar a *tradição*, não só por meio da transmissão, mas igualmente da recepção e da interpretação presente na narrativa textual. O texto, em sua textura, já se mostra narrado, recebido e interpretado pelo autor e sua comunidade.

²³ No intuito de reproduzir criativamente a tradição de Jesus, Marcos compõe sua obra por meio de temáticas fundamentais: os arcos de tensão que, de acordo com Pesch, perpassam o Evangelho. PESCH, 1980, p. 117. Preferimos aqui traduzir arcos de tensão, por eixos teológicos.

O primeiro eixo teológico, concernente à *Vida de Jesus*, comunica a preparação do “caminho do Senhor”, anunciado por João Batista (1,2-8), encerrando com o Ressuscitado que “precede” os discípulos à Galiléia (14,28; 16,7). O arco de tensão da vida de Jesus abarca a história de Jesus apresentada por Marcos; não se trata de uma biografia, mas de uma história epifânica, uma história de revelação. O caminho de Jesus é caminho para o sofrimento; ele sai da Galiléia e vai para Jerusalém, lugar ápice de sua atividade. Em Jerusalém, o Ressuscitado anuncia que é na Galiléia, na comunidade dos discípulos, que ele se revelará. Para a Galiléia, encaminham-se os seguidores e é lá no ponto originante da atividade de Jesus, que se dará o encontro com o Ressuscitado.

O segundo eixo é *aretológico*: o autor do Evangelho atinge o reconhecimento da verdadeira dignidade de Jesus. Este eixo pode ser considerado *missionário*, proveniente da admiração, da aclamação ante o mistério da ação de Jesus, sobretudo por meio da narrativa dos milagres. A atividade jesusânica está antecipada pelo anúncio de João Batista (1,7) e acentuada no início da atividade na sinagoga de Cafarnaum em variação sempre nova. O eixo *aretológico* tem seu clímax na exclamação do centurião romano (15,39): “uma exclamação transposta em evidência” (PESCH, 1980, p. 118-119), uma genuína profissão de fé.

Evidentemente, existe entre os dois primeiros eixos uma união intrínseca, dado ao fato de que a vida do mestre Jesus é epifania de Deus e ao mesmo tempo e objeto de admiração dos homens. Tal objeto epifânico desencadeia a curiosidade e a decisão do seguimento por parte de homens e mulheres. É possível afirmar que a obra de Marcos em sua totalidade é uma obra de missão, um convite para o seguimento, dado o fato do entusiasmo da parte humana (PESCH, 1980, p. 120)²⁴.

O terceiro eixo – presente no início, no centro e no desenlace do Evangelho – diz respeito à *progressiva revelação celeste da dignidade de Jesus*. Primeiro, no batismo (1,11), depois, na transfiguração (9,7) e, por fim, na morte-ressurreição (15,33. 38; 16,6-8). Este eixo pode ser entendido a partir do esquema: adoção, proclamação, aclamação. Um esquema “místico gradual”, uma entronização gradual na realização da dignidade de Jesus. Ao ser adotado pelo Pai, Jesus inicia seu ministério e gradualmente é compreendido pelos discípulos, até ser proclamado messias do povo e, por fim, aclamado Filho de Deus. O crescimento teológico revela a dinâmica marcana: revelar Jesus, o Messias, o Filho de Deus, aquele que desperta o coração humano para o desejo do seguimento, afirma Pesch (1980, p. 120).

²⁴ Ver PESCH, p. 120.

Para os tempos de hoje, a obra de Marcos é peculiarmente preciosa, pois conserva a tradição mais antiga sobre Jesus de Nazaré e inaugura a nova forma de falar sobre ele: a cristologia narrativa, a arte de contar aquilo que Jesus narrou e experimentou.

5 CONCLUSÃO

Admite-se hoje que o Evangelho de Marcos equivale mais que uma cristologia, i. é. um mero falar sobre Jesus. Para Marcos, o Evangelho é u *cristologia narrada* ou querigma, uma proposta para o discipulado.

A intenção de Marcos consiste em apresentar Jesus como condição de possibilidade para o encontro com Deus, inclusive para os tempos hodiernos. Ao ler e meditar o Evangelho segundo Marcos, o fiel encontra-se com Jesus que narra a si mesmo e que se comunica como convite à práxis, à vivência do testemunho.

Por fim, o Evangelho de Marcos é muito atual. Ao tratar-se de um convite ao seguimento de Jesus na comunidade eclesial, o Evangelho de Marcos poderia ser comparado com uma porta aberta para o encontro com Jesus, que está do outro lado contando-se, dizendo sobre si, sobre o Reino, sobre a salvação que ele próprio é capaz de conceder àquele que tem fé e que o deseja seguir.

REFERÊNCIAS

ALDANA, H. O. M. *O discipulado no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2005.

ARENS, E.; ASCENSIO, L. A.; DIAZ MATEOS, M. *El que quiera venir conmigo: discípulos según los evangelios*. Lima: CEP, 2007.

BABUT, J-M. *Actualite de Marc*. Paris: Cerf, 2002.

BULTMANN, R. *L'histoire de la tradition synoptique*, suivie du complément de 1971. Paris: A. Malet, 1973.

CONZELMANN, H. *Teologia del nuovo testamento*. Brescia: Paideia, 1972.

CUVILLIER, L. *Evangile de Marc*. Geneve: Labor et fides, 2002.

DUQUOC, C. *Cristologia: ensaio dogmático I*. São Paulo: Loyola, 1992.

FAUSTI, S. *Ricorda e racconta il vangelo: la catechesi narrativa di Marco*. Milano: Ancora, 1998.

FIORENZA, E. S. *Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FOCANT, C. *Evangile selon Marc*. Paris: Cerf, 2004.

GADAMER, H. G. *Verdad y método*. Fundamentos para una hermenéutica filosófica. Salamanca: Sígueme, 1977.

GALLARDO, C. B. *Jesus homem em conflito: o relato de Marcos na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1997.

GENEST, O. *Le Christ de la passion: perspective structurale: analyse de Marc 14,53 - 15,47, des parallels bibliques et extra-bibliques*. Montreal: Bellarmin, 1978.

GNILKA, J. *El evangelio según san Marcos*. Mc 1,8,26. Vol. 1. Salamaca: Sígueme, 1986.

GNILKA, J. *Teologia del Nuevo Testamento*. Madri: Trotta, 1998.

GRUN, A. *Jesus caminho para liberdade: O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Loyola, 2006.

HERRERO, F. P. Evangelio según san Marcos. In. GUIRRARO OPORTO, S.; SALVADOR GARCIA, M (Eds). *Comentário al Nuevo Testamento*. 2. cd. Madrid/Atenas, Madrid/PPC, Salamanca/Sígueme, Navarra/Verbo Divino, 1995. (La casa de la Biblia).

KONINGS, J. *Marcos*. São Paulo: Loyola, 1994.

LAGRANGE, M-J. *Evangile selon s. Marc*. Paris: Gabalda, 1947.

LENTZEN-DEIS, F. *Comentário ao Evangelho de Marcos*. São Paulo: Ave Maria, 2003. p. 37.

MANNS, F. Le milieu sémitique de l'Évangile de Marc. *Liber Annuus* 48 (1998). p. 125-142.

MAZZAROLO, I. *Evangelho de Marcos: estar ou não com Jesus*. São Paulo: Mazzarolo, 2004.

NOLLI, G. *Evangelo secondo Marco*. Roma: Agencia libro cattolico, 1978.

PALÁCIO, C. *Jesus Cristo história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1979.

PESCH, *Il vangelo di Marco*. vol 1. Brescia: Paideia, 1980.

RADERMAKERS, J. *La bonne nouvelle de Jésus: selon saint Marc*. Bruxelles: Institut d' Etudes Theologiques, 1974.

RICOEUR, P. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006.

ROBERTSON, A.T. *Imágenes verbales en el Nuevo Testamento*. Mateo y Marcos Vol. 1. Barcelona: Talheres gráficos, 1998.

SCHILLEBEECKX, E. *Jesús: la historia de um Viviente*. Madrid: Cristandad, 1981. p. 99.

SOBRINO, J. *Jesus, o libertador: A história de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes, 1994.

TAYLOR, V. *Evangelio según san Marcos*. Madrid: Cristandad, 1979.

TUYA, M. *Biblia comentada: evangelios*. BAC: Madrid, 1963.

VIELHAUER, P. *Historia de la literatura cristã primitiva: introduccion al Nuevo Testamento, los apocrifos y los padres apostólicos*. Salamanca: Sígueme, 1991.

Recebido em 10/05/2011
Aprovado em 20/05/2011